# > Dobrar para desconhecer

> Fold to unknown

**por Diane Sbardelotto**
Mestra em Educação na linha de pesquisa Filosofias da Diferença, temática Poéticas Transversais, pelo Programa de Pós Graduação em Educação – PPGEdu da UFRGS (2018). Artista visual e Professora de Arte, Bacharel e Licenciada em Artes Visuais pela Unochapecó (2009) e UFRGS (2016). Realizou diversas exposições individuais, entre elas *Mal passado* (IAB, Porto Alegre, 2018) e *O nômade e o sedentário* (Fundação Badesc, Florianópolis, 2016) e participou de coletivas, como *O que pode um corpo* (Ieavi, CCMQ, Porto Alegre, 2017), tratando de temáticas tais como a mulher no ambiente rural, corpo e roupa. Integra o grupo de pesquisa ARTEVERSA da UFRGS. E-mail: dianesbardelotto@gmail.com. ORCID: 0000-0003-3424-8189.

**> Ensaio visual recebido em 21.06.2020 e aceito em 26.06.2020.**

> *... as dobras variam, e cada dobra vai diferindo. Não há duas coisas pregueadas do mesmo modo, nem dois rochedos, e não existe uma dobra regular para uma mesma coisa. Nesse sentido, há dobras por todo lado, mas a dobra não é universal. É um "diferenciador", "um diferencial."*[1]

Este ensaio visual desdobra-se de uma pesquisa poética de mestrado[2] na qual o corpo da pesquisadora-artista é tornado objeto de si em experimentação. Essa experimentação se dá a partir da produção de uma série de *fotodobragens*[3] intitulada *Mulher dobrada* (2016-2019), realizada em um ambiente rural de origem[4]. Com isso, busca pensar os processos de subjetivação do feminino. O conceito filosófico de *dobra*[5] presente nos estudos de filosofia de Michel Foucault (2010) e Gilles Deleuze (1992, 2012) é aberto ao ato físico de dobrar e redobrar o

[1] Gilles Deleuze, *Conversações*, 1992, p. 194.

[2] *Fotodobragens, moldes e repetições para um corpo continuar*, orientada por Paola Zordan no Mestrado em Educação do PPGEdu/UFRGS, defendida em 2018.

[3] Método criado para a pesquisa, o qual compreende performances para fotografias em que o corpo em ação e a autora das fotos são a mesma pessoa.

[4] Tigrinhos, Santa Catarina, Brasil.

[5] De maneira ampla, *dobra* é o conceito utilizado por Gilles Deleuze para pensar processos da formação da subjetividade humana como desdobramentos da "força sobre si mesma". Ele é formulado a partir de escritos de Foucault sobre os duplos e as "técnicas de si", e também de estudos sobre Leibniz e as dobras no traço barroco. Para Deleuze, o mundo existiria dobrado, a vida seria uma dobra aberta em constante flexão para o *dentro* e para o *fora*. O dentro formado a partir de uma curvatura para o interno, derivada das relações com o externo, e o fora, onde acontece o choque com o poder. Esse movimento de vergadura se multiplicaria de maneiras heterogêneas infinitesimalmente. A experiência subjetiva só poderia ser analisada no meio, no *entre*, no *acontecimento*, onde escapa aos saberes constituídos e poderes dominantes. O trabalho artístico aqui apresentado não pretende ilustrar o conceito deleuziano de dobra, e nem seria possível. Apenas pensa com ele e mobiliza, através de uma poética visual, experimentações do próprio corpo em um ato singular de dobrar-se.



**Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**
vol. 2, nº 2, novembro de 2020
ISSN 2596-0911

corpo ao meio. Um corpo definido em múltiplas formas, que pertence, mas, por vezes, destoa de seu ambiente. Um corpo que nasce nos diferentes ambientes, aos quais sempre volta, como os ciclos das plantas e a persistência de suas paisagens. Um corpo que, em uma poética, pode criar novas relações e voltar diferente. Fechado em si, protege-se do que é externo. Ao mesmo tempo, seu exercício particular é exposto ao outro, espectador. De dentro e para fora do próprio corpo, através da imagem, o gesto repetido de dobrar-se ao meio testa sua resistência. Entre a ductilidade e a quebra, movimento e inoperância; entre a continuidade e a ruptura, pertencimento e estranheza. No *entre*, visa a desafiar a anatomia e o olhar identificador do *corpo de mulher* conhecido, através de uma mulher que olha para si.



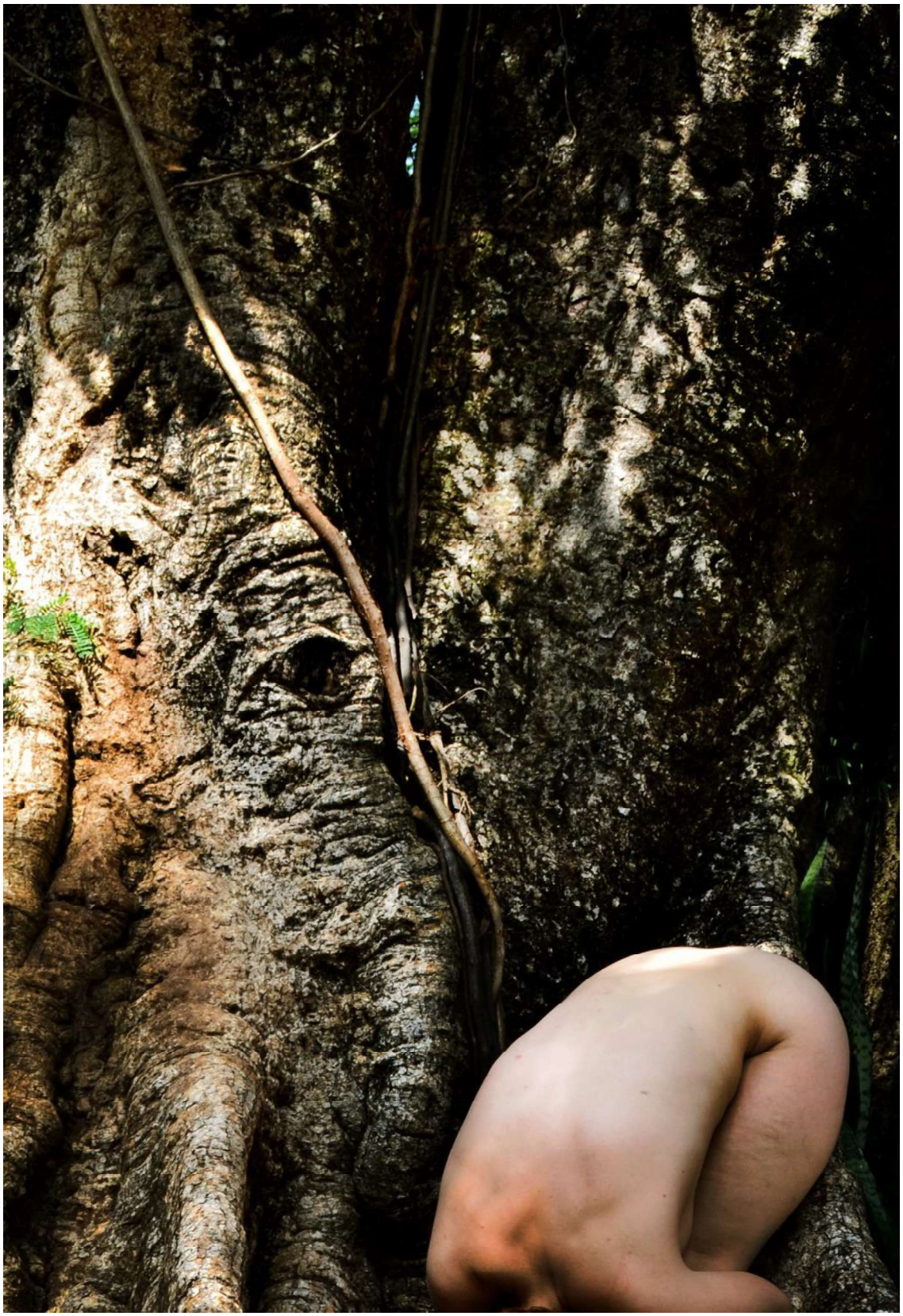
**Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**
vol. 2, nº 2, novembro de 2020
ISSN 2596-0911

**Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**
vol. 2, nº 2, novembro de 2020
ISSN 2596-0911

**Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**
vol. 2, nº 2, novembro de 2020
ISSN 2596-0911

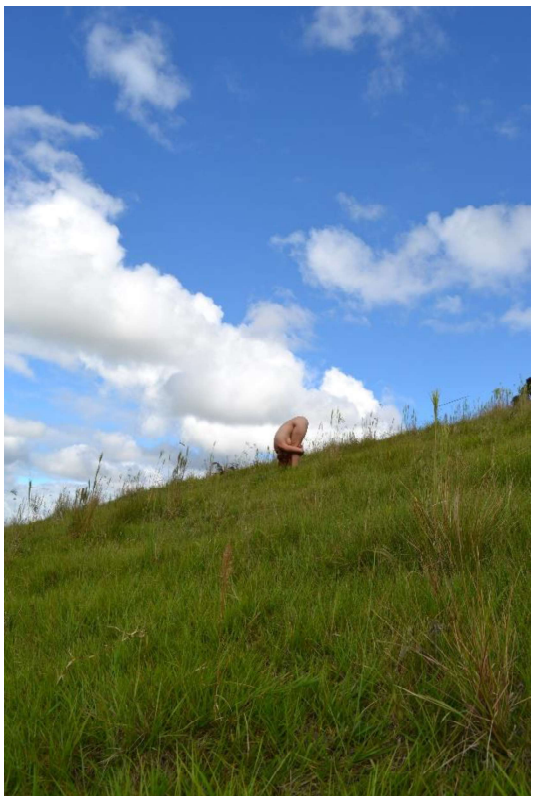
**Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**
vol. 2, nº 2, novembro de 2020
ISSN 2596-0911

**Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**
vol. 2, nº 2, novembro de 2020
ISSN 2596-0911





**Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**
vol. 2, nº 2, novembro de 2020
ISSN 2596-0911





**Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**
vol. 2, nº 2, novembro de 2020
ISSN 2596-0911

## Referências

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *A dobra*: Leibniz e o barroco. Trad. Luiz B. L. Orlandi. 6. ed. Campinas: Papirus, 2012.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Coleção Ditos e escritos, v. 5. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 144-162.

**Referência para citação deste ensaio visual**
SBARDELOTTO, Diane. Dobrar para desconhecer. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 2, número 2, p. 729 – 738, novembro de 2020.